



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após inauguração de bico de luz no sítio Santa Rita

Santo Estevão-BA, 19 de junho de 2006

Jornalista: Presidente, qual a importância deste Programa Luz para Todos?

Presidente: Olha, eu acredito que o Programa Luz para Todos é uma revolução na sociedade brasileira. São praticamente 12 milhões de pessoas que não têm acesso à luz, que vivem na base do candeeiro, na base da lamparina. E quando chega uma luz na casa de uma pessoa é como se fosse um milagre, porque você, na verdade, tira a pessoa do século XVIII e traz para o século XXI instantaneamente.

Eu penso que depois que chega a luz chega o progresso, chega uma televisão, chega uma geladeira, ou seja, eu acho que a vida muda e muda muito. É um programa que alguns poderiam dizer que custa caro, porque a média nacional é de quase 5.300 reais por cada ligação, mas eu acho que é um grande investimento que a gente faz para o povo pobre deste país. Ou seja, se depender de dinheiro, não tem para pagar, então o Estado tem que fazer. Afinal de contas, o Estado precisa garantir às pessoas o direito de viver condignamente.

E eu acho que a dona Luíza, que viveu a vida inteira na base do candeeiro, desde a casa da mãe até o dia de hoje, eu acho que ela é tão importante enquanto brasileira como o Presidente da República, como a Primeira-Dama, como qualquer empresário rico. Ela tem o direito de ter luz.

O Prefeito já assumiu o compromisso de trazer água para cá, o Prefeito assumiu o compromisso de dar uma televisão para ela. Vocês sabem que o milagre vai acontecendo e a multiplicação dos pães também. E ela está mais feliz hoje, ela viu a luz ali, acesa, e a molecada vai poder estudar melhor.



Agora, diga para eles, aí, qual é a felicidade que a senhora tem hoje.

Jornalista: Como é que a senhora está se sentindo?

Dona Luíza: Muito, muito alegre. Muito, muito, muito. Não sei nem o que agradecer a ele.

Jornalista: Como é que era a sua vida antes da energia elétrica e como é que está hoje? Assim, qual é a sensação?

Dona Luíza: Era aquele candeeirinho que eu já mostrei a vocês, “alumeia” num canto e no outro não, carrega uma vela para um canto, o vento apaga, apanha o fósforo para acender num canto e no outro. É aquela vida. Mas eu nunca fiquei injuriada, porque eu sabia que um dia ainda ia ter, na minha casa.

Jornalista: Está feliz?

Dona Luíza: Estou, muito feliz.

Presidente: O Ministro das Minas e Energia me mostrou um documentário feito pela Eletrobrás, que mostra o significado do Programa Luz para Todos. Ele me contou que, quando acendeu a luz na casa da mulher, de noite, a mulher acendia e apagava a luz, acendia e apagava a luz, acendia e apagava a luz a noite inteira. E uma hora o marido perguntou: “porque é que a senhora acende e apaga tanto a luz?” Ela falou: “Ah, porque eu nunca vi meu filho dormindo e agora eu posso ver”.

Somente quem viveu com candeeiro sabe o que que é colocar um botão numa camisa, sabe o que que é cozinhar, servir comida para as crianças, tomar um banho.



Jornalista: Presidente, dona Luíza disse que vai votar no senhor. Já está em ritmo de campanha?

Presidente: Não. Ela só pode tomar essa decisão se eu decidir ser candidato. Como ainda...

Jornalista: Mas o senhor disse que falava de campanha depois.

Presidente: É, depois, quando tiver as convenções partidárias, quando eu me decidir. O que eu acho é que, veja, nós temos muita coisa para fazer no Brasil. O Presidente da República não pode ficar trancado no gabinete porque é um ano eleitoral, o Presidente da República tem que andar o país inteiro e fazer as coisas acontecerem.

Veja, se nós trabalhamos para ter uma escola técnica, eu tenho que inaugurar; se nós trabalhamos para ter o Luz para Todos, eu tenho que ver. Não tem nada mais gratificante do que ver a alegria estampada na cara dessa mulher na hora em que acendeu a luz, ou seja, isso vale mais do que qualquer prêmio que a gente vê na televisão todo dia, a alegria dessa mulher, porque ela, agora, está se sentindo um pouco mais brasileira, um pouco mais cidadã, ela está conquistando um pouquinho dos seus direitos.

Jornalista: Presidente, o senhor não se sente preso, amarrado nesses eventos, com base no discurso que o senhor fez hoje, em relação à Justiça Eleitoral?

Presidente: Eu me sinto, eu por mim nem falaria, agora é muito difícil você vir num..., aquele monte de gente e você não falar, as pessoas vão perguntar: “porque não falou”?



Agora, eu acho que isso faz parte da luta, faz parte da vida e tem muita gente inconformada, porque tem gente que gostaria que no Brasil estivesse dando tudo errado, que as coisas não estivessem acontecendo, que a dona Luíza continuasse na escuridão, porque muitas vezes esse povo (**falha na gravação**) de eleição. Em época de eleição as pessoas aparecem, fazem as promessas e vão embora. E o que vale na vida da gente é a gente perceber que, quando você não existir mais, você deixou como legado uma alegria na casa de uma pessoa. Eu saio daqui com a consciência de que essas crianças vão poder estudar mais agora, o Prefeito vai dar a televisão, então as crianças vão poder ver. O Prefeito tem que garantir que traz antes de terminar a Copa do Mundo.

Jornalista: ...o seu gol de barriga, que o senhor falou lá no palanque?

Presidente: Eu não sei, para mim, meu caro, o que eu quero é ganhar.

Jornalista: O número 135, o senhor acha que resolve?

Presidente: Veja, o número 135 é uma coisa que o Ministério da Previdência está fazendo. Nós começamos fazendo para o Nordeste, para o Norte do país e para o Centro Oeste, e a cada 15 dias nós vamos colocar mais 100 pontos, até que a gente tenha mil e 300 jovens trabalhando, com seiscentos e poucos pontos, para que a gente possa marcar a perícia médica de todo o território nacional nessa central. Então, quando a pessoa ligar do Oiapoque ou do Chuí, querendo marcar uma perícia médica, a agenda do perito estará na mão desse *call center* que vai dizer “tal dia, tal hora você vai procurar.” É uma forma da gente utilizar a informática para poder facilitar a vida do povo pobre deste país. Ele vai funcionar, está num processo de implantação, tudo começa tendo falha,



nós vamos ter que ir consertando, mas o Ministério está imbuído do desejo de fazer com que a fila no Brasil não seja uma razão de sofrimento do nosso povo.

E aí é muito engraçado no Brasil, porque tem um tipo de fila que incomoda, tem um tipo de fila que ninguém fala. Por exemplo, a fila nos bancos, para os aposentados receberem, ninguém fala mal delas. E todo dia tem fila, e todo dia tem gente na fila dos bancos, esperando um dinheiro que é seu, das cinco da manhã às 10, às 11, outras filas incomodam mais. Então, o que nós queremos é o seguinte: a pessoa não precisa ir a uma fila, a pessoa vai poder marcar por telefone, vai poder marcar pela internet, e assim nós vamos melhorando a vida das pessoas, gente.

Jornalista: Presidente, e a dona Maria Luíza, no sábado, quando ela ligar a televisão, à noite, ela vai saber que o senhor é candidato?

Presidente: Não, não liga a televisão no sábado. Eu não sei se a televisão que o nosso Prefeito está prometendo, porque o Prefeito disse que vai dar televisão para 12 casas, se já comprou televisão para 12 casas. Eu, obviamente, não sei quais são as casas, ele disse para a dona Luíza que vai dar.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Ora, o dia em que eu anunciar.

Jornalista: O senhor vai (...) ter coligação?

Presidente: Não, veja, eu acho que no Brasil não é uma questão do governo Lula, eu acho que, historicamente no Brasil, historicamente, não é uma coisa do meu governo, é uma coisa que aconteceu com todos os que vieram antes de mim, é que quando as coisas dão certo, são os governos municipais e



estaduais, quando dão errado, as pessoas culpam o governo federal. O que nós temos feito, então? Nós não queremos ter a paternidade dos projetos, nós queremos compartilhá-los com todos. Ou seja, se nós fazemos uma obra, que tem recursos da União, tem recursos do estado, recursos do município, que essa obra seja divulgada: tem tanto do estado, tem tanto da União, tem tanto do município. Assim, as pessoas ficam sabendo quem colocou o que, quem ajudou, porque, muitas vezes, as pessoas não colocam e, quando você vai ver as placas, é como se elas tivessem feito a obra. Eu, por exemplo, fui num estado, um programa de leite, que é um leite comprado com o dinheiro do governo federal pelo Ministério do Desenvolvimento, eu chego lá e tem um saquinho: governo de tal estado. Mas, espera aí, se somos nós que compramos, porque que não tem aqui nada do governo federal? As pessoas não têm o hábito de colocar, e eu não sei o porquê. Acho que nós precisamos reeducar o Brasil para a gente fazer as coisas compartilhadas: na hora em que der certo, todo mundo ganha, na hora em que der errado, todo mundo perde. Se a gente fizer isso, a gente torna a política mais séria, a gente torna uma cumplicidade de responsabilidade pela administração entre os entes federativos, é assim que eu quero que as coisas aconteçam no Brasil.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Não, veja, vocês me conhecem e sabem que eu não me preocupo com pesquisas. Eu acho que as pesquisas, retratam os momentos como se fossem uma fotografia. Vamos aguardar, porque tem muita coisa para acontecer até o mês de outubro...

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Veja, é sempre gratificante você saber que as pessoas se



lembram de você, que as pessoas gostam de você, é sempre gratificante. Mas, ao mesmo tempo, você tem que saber também que tem gente que não gosta. Se você souber compartilhar essa diversidade sem perder o humor, está ótimo. E eu não posso perder o humor agora, porque ganhar uma amiga como eu ganhei, aqui, a dona Luíza, volto para Brasília satisfeito.

Jornalista: (...) lançará sozinho, ou o senhor faz questão de uma coligação e pode até intervir a favor de algum partido, como o PCdoB, por exemplo, que está insatisfeito?

Presidente: Veja, eu acho que não há nenhuma razão para ao PCdoB estar insatisfeito com o PT. Eu acho que nós temos problema, porque tem uma lei de cláusula de barreira que criou certas dificuldades para os partidos políticos, e nós vamos ter que encontrar uma solução. E quem resolve isso, na verdade, são os presidentes de partidos. Eu acho que todo mundo tem direito a ter candidatura própria. Acho que o PT tem que ser generoso com os seus aliados, acho que é possível construir.

E não adianta ficar nervoso, porque essas coisas você tem que construir conversando com todo mundo, e eu acho que vai ter acordo. O PCdoB tem sido um aliado extraordinário do PT, tem sido um parceiro, companheiro em todas as horas, em todos os momentos. Então, nós temos que trabalhar junto com eles.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Aí você já quer me complicar.

Presidente: Presidente, o senhor acha que quem tem o Ronaldo, gordo do jeito que está, vai conseguir se classificar?



Presidente: Olha, o problema do Ronaldo, veja, eu continuo achando que o Ronaldinho é um extraordinário jogador. Eu sempre digo que ele não tem que provar nada mais a ninguém, porque ele é bom de bola e todo mundo sabe. E eu acho que a seleção, ela vai num crescendo, é bom que seja assim. Queira Deus que a gente ganhe todos os jogos apertados e que a gente sofra, como eu sofri nesse domingo. Mas o que eu quero é ganhar. E eu acho que o Ronaldo vai marcar os gols que nós queremos que ele marque. Eu acho. É uma questão de tempo.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Não, você veja que o Raí, naquela Copa do Mundo que... o Raí já marcou gol... É, então, eu acho que gol de barriga, até eu marco, é só a bola bater na barriga que eu boto ela para dentro. O que é importante é a gente marcar os gols.

Eu estou confiante no Brasil, eu acho que os jogadores... eu percebo, pela cara deles, que eles estão equilibrados, do ponto de vista psicológico estão maduros. Eles sabem que são os melhores, e os outros times já entram em campo respeitando a gente enquanto Brasil, cada um quer jogar mais, cada um quer mostrar...

Jornalista: Então falta o que, Presidente?

Presidente: Não, veja, está faltando cada dia crescer um pouco, crescer um pouquinho até atingir a perfeição, chegar na final e ganhar a Copa do Mundo, que é esse o nosso desejo.

Jornalista: Presidente, o Governador disse para o senhor porque não viria a



esse...?

Presidente: Veja, ele não disse, mas eu compreendo. Eu compreendo e respeito. Obviamente que, daqui para frente, em cada estado em que eu chegar, será muito mais difícil os governadores me acompanharem, porque as pessoas têm preocupações e eu tenho tentado cuidar, com muito carinho, ou seja, não confundir a minha participação numa inauguração institucional com campanha política. Eu já tive problemas com outros governadores, eu tenho defendido os (falha na gravação) para que o povo compreenda que aquilo é um ato institucional, não é uma campanha política.

Agora, também, a gente não pode controlar o povo. Quando o povo quer gritar um nome, quer aplaudir um, quer vaiar outro, vai fazer o quê? Não tem jeito. Agora, eu compreendo o momento político e, embora gostaria que todos os governadores me acompanhassem, eu não posso fazer questão que eles me acompanhem.

De qualquer forma, eu acho que até agora todos foram muito generosos, foram, eu diria, muito diplomáticos, e eu não tenho por que me queixar.

Jornalista: Presidente, 1% do FPM sai, que os prefeitos tanto reivindicam?

Presidente: Veja, isso está acordado com os deputados, com o relator da Comissão da Reforma Tributária. Isso está acordado, agora, precisa votar o bloco todo da política tributária e não apenas o 1%. Se o Congresso Nacional votar, da minha parte será um prazer saber que os prefeitos estarão um pouco mais felizes porque, no meu governo, os prefeitos sabem que foram respeitados, que não faltaram os recursos e que nós cuidamos dos prefeitos sem distinção. Eu duvido que no Brasil tenha um prefeito, de qualquer partido político, pode ser do PP, do PFL, do PSDB, que eu tenha feito um milímetro de discriminação. Às vezes, pelo contrário, às vezes os prefeitos do PT se



queixam que eu atendo mais os outros.

Agora, eu não atendo apenas pelo prefeito e pelo partido, eu atendo pelas necessidades que o povo tem. Se tem mais necessidade, eu vou atender. Eu, por exemplo, fui em Pernambuco essa semana anunciar acordos para saneamento básico, e tinha dois prefeitos do PFL, e eu os tratei tão bem quanto eu tratei a Luciana, do PCdoB, o prefeito de Camaragibe, do PCdoB em Pernambuco, porque, veja, a gente não faz as coisas para o prefeito, a gente faz as coisas para atender aos interesses do povo. Se o prefeito for amigo e quiser trabalhar junto, vai ser mais produtivo e vai ser melhor. E eu acho que todos nós precisamos governar o Brasil com essa visão republicana.

Jornalista: O que o senhor achou do apoio da Roseana ao senhor, no Maranhão?

Presidente: Ela já tinha me apoiado em 2002. Obviamente que eu fico grato, e se você me apoiar eu fico grato também, se eu for candidato.